

RESGATE

Pesquisadores descobriram o que possivelmente é o maior cemitério de escravizados da América Latina

Sítio arqueológico é validado na Pupileira

PRISCILA DÓREA

Bastaram dez dias de escavação em 6m² de terra no estacionamento da Pupileira (Nazaré) – da Santa Casa da Misericórdia – para confirmar o que a pesquisa de doutorado da arquiteta urbanista Silvana Olivieri já havia apontado: muitas pessoas foram enterradas ali.

Das 224 peças arqueológicas identificadas, 100 são fragmentos de ossos humanos e a estimativa é que cerca de 100 mil pessoas tenham sido enterradas na região – possivelmente, o maior cemitério de escravizados da América Latina.

Agora, o Ministério Público da Bahia (MPBA) irá enviar uma recomendação de interdição para a Santa Casa.

“A maioria dos materiais que coletamos foram segmentos de ossos largos e uma quantidade expressiva de dentes. Isso acontece porque, entre os materiais osteológicos, os dentes são os mais duráveis do corpo humano. As covas eram coletivas, e os corpos foram enterrados diretamente no solo, e quando o sedimento é úmido ou ácido, afeta a conservação dos ossos, mas os dentes resistem por mais tempo. Os fragmentos de ossos que encontramos são de ao menos dois adultos, mas não foi possível identificar se de homens ou mulheres”, explica a arqueóloga e antropóloga Jeanne Dias, que lidera as escavações.

Área arqueológica

A área do sítio arqueológico compreende todo o entorno do estacionamento, parte da Av. Joana Angélica e construções laterais, explica a arqueóloga.

“Mas, neste primeiro momento, indicamos apenas a área do estacionamento frontal da Pupileira para preservação. Ela sofreu menos interferência desde o século XIX e permite um manejo mais simples, pois basta retirar os carros. Ao contrário de seu entorno, que foi bastante mexido, a interdição traria vários transtornos para a população. Também excluímos a entrada principal da Pupileira, pois qual-



Jeanne Dias, arqueóloga e antropóloga, analisa achados; MP deverá interditar o estacionamento onde foi descoberto o sítio arqueológico

Próximo passo é garantir a proteção do local para preservação da memória

Movimentos sociais e lideranças religiosas serão ouvidos sobre reparação

quer restrição ali causaria transtornos de acesso”, explica Jeanne.

O Iphan já homologou a recomendação para interdição da área do estacionamento do chamado Sítio Arqueológico Cemitério dos Africanos e agora cabe ao MPBA emitir a recomendação para a Santa Casa.

“O próximo passo é garantir a proteção do local enquanto sítio arqueológico de memória sensível e promover uma escuta social dos movimentos sociais e lideranças religiosas a fim de iniciarmos um processo de reparação histórica, rompendo um ciclo de silenciamento”, afirma o promotor de Justiça Alan Cedraz, co-

ordenador do Núcleo de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (Nudephac).

A Santa Casa, por sua vez, informou que, até o momento, não foi notificada oficialmente sobre a recomendação de interdição do estacionamento.

“Porém, a instituição sempre acata, em geral, todas as recomendações dos órgãos de controle”, afirmou por meio de nota a instituição, que forneceu cooperação técnica para as escavações e estudos na área.

Reparação histórica

Uma das propostas a serem discutidas com a população de Salvador, aponta o advo-

gado e professor, Samuel Vida, coordenador do Programa de Direito e Relações Raciais da Ufba e coautor do dossiê com os achados da pesquisa no cemitério, é dar seguimento às pesquisas e criar ali um memorial.

“Para que aquele espaço seja reconhecido como lugar de memória e não mais submetido a apagamento sistemático da presença negra na formação social brasileira. Como foi possível que um cemitério desativado em 1844 (Cemitério do Campo da Pólvora), com milhares de corpos literalmente aterrados, tenha permanecido invisível por tanto tempo?”, questiona.

Mais do que descoberta, o professor explica que eles estão chamando esse momento de encontro, dada a dimensão espiritual relevante.

“É um campo santo, onde estão os restos mortais de pessoas negras escravizadas, líderes de rebeliões, prostitutas... Os indesejáveis da sociedade colonial e imperial. Eles estão, de certo modo, ainda presentes entre nós. Esse encontro também nos convoca a intensificar o debate sobre o direito à reparação, pois não é razoável que mais de 300 anos de escravidão e mais de um século de discriminação racial continua não gerem uma política de acerto de contas”, afirma Samuel Vida.

CIDADE DA MÚSICA

Festival Salvador encerra programação com êxito

THYFFANNY ELLEN*

A primeira edição do Festival Internacional Salvador Cidade da Música, celebrou saldo positivo da parceria vinculada ao mérito. O evento, realizado no Comércio, celebrou os 10 anos do título de Cidade Criativa da Música, concedido pela Unesco, com shows, painéis formativos e intercâmbio entre artistas nacionais e internacionais.

“Esse festival nasce da importância de fortalecer a relação de Salvador com outras cidades reconhecidas pela Unesco”, afirmou Gabriela Rocha, uma das idealizadoras e gerente de Linguagens Artísticas e Negócios Criativos da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (Secult). Segundo ela, a ideia é que a cada edição o intercâmbio cresça. “Fazemos parte de uma rede de mais de 70 cidades ao redor do mundo. A ideia é que, a cada ano, Salvador receba

artistas de fora e envie artistas locais para esses festivais parceiros”.

Intercâmbios

Nesta edição, participaram representantes de Kingston (Jamaica), Valparaíso (Chile) e Recife (Brasil), as três cidades convidadas da Rede de Cidades Criativas. “Recife mandou Lucas dos Prazeres, mestre da cultura popular, Valparaíso enviou Mora Lucay, e Kingston trouxe dois artistas incríveis representando o Mês do Reggae. Foi uma celebração da diversidade e da potência da música negra e latino-americana”, destacou Gabriela.

Além das apresentações internacionais, no domingo o público pôde assistir ao espetáculo Salvador Cidade da Música, comandado pela Orquestra Afrosinfônica sob direção do maestro Ubiratan Marques, que reuniu artistas como Carlinhos Brown, Mariene de Castro, Olodum, Ilê Aiyê, Gerônimo Santana e Ro-



Clara Pessoa / Ag. A TARDE

Mentoria para artistas na Casa da Música; evento teve três dias de ações culturais

nie Aguiar, gerente de marketing da Abramus. Segundo ela, o objetivo é orientar os artistas sobre gestão, direitos autorais e visibilidade. “Sem artista não tem música, e sem música a gente não tem cultura. Então, quando ajudamos o artista a cuidar da carreira, ajudamos a cultura a alcançar mais pessoas”.

Para a cantora e compositora Bella Guerra, que participou dos três dias de programação, o festival foi uma experiência transformadora. “Ver artistas como Brown, Mariene, Ilê Aiyê e Olodum juntos foi emocionante”, contou a mineira. Ela também participou das atividades formativas da ONErpm. “As masterclasses foram muito esclarecedoras. A gente pôde tirar dúvidas e aprender mais sobre como aprimorar o trabalho e alcançar novos públicos”.

* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA ISABEL VILLELA